

Embaixadores acham possível a negociação

Da sucursal de
BRASÍLIA

Foi positiva a reação de cinco dos sete embaixadores dos países mais ricos do mundo ao receberem ontem, das mãos do ministro Saraiva Guerreiro, a carta na qual sete nações da América Latina sugerem um diálogo entre credores e devedores para acertar o pagamento da dívida externa. Só dois embaixadores se recusaram a fazer qualquer tipo de comentário: John Burns Ure, da Grã-Bretanha, e Kuniyoshi Date, do Japão.

O embaixador da República Federal da Alemanha, Walter Gorefflos, o primeiro a ser recebido por Guerreiro, afirmou, ao deixar o gabinete do chanceler: "O ministro referiu-se às suas mais recentes entrevistas a órgãos de informação brasileiros para dizer que elas expressavam a posição do governo brasileiro. Não é possível encontrar uma solução isolada. É necessária uma saída de longo prazo. Não sabemos se é possível alterar o rumo dos juros. Mas por certo os principais aspectos do problema da dívida externa serão bem examinados".

O embaixador do Canadá, David G. Ryan, declarou: "Na reunião de cúpula de Londres, dos países industrializados, os aspectos de juros e prazos serão estudados, mas não só eles. Todos os países estão procurando ajustar suas economias à nova conjuntura. Espera-se uma atitude positiva. parece haver boa vontade. O problema, agora, é escolher a modalidade de ação e iniciar negociações. Historicamente, o Canadá é favorável a uma solução para o problema e, ao contrário do que disse uma revista brasileira, nosso primeiro-ministro não é favorável ao protecionismo". O diplomata canadense entende que alterar as atuais estruturas seria um processo mais longo.

O embaixador norte-americano em Brasília, Diego Asencio, foi extremamente discreto. Admitindo fazer uma especulação, disse que acredita em uma reação de simpatia perante a carta dos sete países latino-americanos. Mas não quis especular a respeito de eventual mudança nas atuais regras do jogo das negociações econômicas internacionais.

O embaixador francês, Robert Richard, lembrou que, em sua visita ao Brasil, o chanceler Claud Cheysson definiu com clareza a posição de seu país a respeito de dívida externa. "A França acha que não é possível prosseguir com juros como esses que estão aí. Por isso, oferecemos uma acolhida compreensível aos países latino-americanos. Temos medo de que os juros ainda aumentem mais. Seria uma pena, porque isso comprometeria o esforço de ajuste dos países em desenvolvimento.

O embaixador da Itália, Vieri Traxier, acredita que "o problema da dívida externa será estudado com carinho na reunião de cúpula de Londres, com resultados políticos e não técnicos. Espero que os sete países industrializados possam fazer uma declaração antecipando sua boa-vontade. Em recente declaração, o governador do nosso Banco Central disse que deve existir compreensão para os problemas dos países em desenvolvimento, especialmente para a sua dívida externa".